

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

17 mar 2017 | O Globo

Vitória de premier na Holanda fortalece democracia

Numa mobilização recorde, os eleitores holandeses compareceram às urnas na quarta-feira para impedir a vitória do candidato da extrema-direita, Geert Wilders, do Partido da Liberdade, contrariando as pesquisas de opinião. A vitória do atual premier de centro-direita, Mark Rutte, do Partido do Povo pela Liberdade e Democracia, com uma agenda dura em relação a imigrantes e refugiados, mas sem o radicalismo xenófobo e o nacionalismo nativista do rival, foi considerada um sinal de enfraquecimento da onda populista que se espalhou pelo mundo e particularmente pela Europa.

Segundo analistas, a aprovação da saída do Reino Unido da União Europeia (UE), no plebiscito do Brexit, em junho passado, associada à vitória de Donald Trump nos EUA, teve o efeito de mobilizar o eleitor contra o isolacionismo e a fragmentação europeia. Em dezembro, por exemplo, a Áustria rejeitou Norbert Hofer, líder da extrema-direita, de raízes nazistas, ao eleger Alexander Van der Bellen, do Partido Verde. A ponderação do eleitor faz sentido, afinal, o nacional-populismo já levou o continente a duas guerras mundiais no século passado.

Segundo levantamento da Dutch Broadcasting Foundation, Rutte obteve 33 dos 150 assentos do Parlamento, oito a menos em relação às eleições de 2012, ao passo que o partido de Wilders conquistou 20 cadeiras, cinco a mais que em 2012. Como são necessários 76 assentos para formar um governo, Rutte terá que negociar coalizões com vários partidos. E este é outro aspecto da derrota de Wilders: seu partido é tão radical que as demais agremiações resistem em se associar a ele.

Apesar do nítido avanço do campo conservador nestas eleições, chamou a atenção o bom desempenho do candidato de esquerda ligado ao movimento verde, Jesse Klaver, um jovem de 30 anos, filho de pai marroquino e mãe filipina. Seu partido saltou de quatro assentos para 14, com um discurso abertamente otimista em relação ao futuro da Europa, defendendo o acolhimento de imigrantes e refugiados e a integração do bloco. Trata-se de uma vitória expressiva, considerando-se que sua plataforma destoa da retórica dominante nos últimos anos, quando vozes extremistas ganharam espaço em toda a Europa.

Um comportamento parecido pode ser visto também no desempenho de Emmanuel Macron, candidato independente das eleições francesas, marcadas para 23 de abril. Ele lidera as intenções de voto com uma agenda pró-UE, superando a candidata de extrema-direita da Frente Nacional, Marine Le Pen.

São importantes sinais de alento. Não à toa, a chanceler alemã, Angela Merkel, que enfrentará a extremista Frauke Petry em setembro, celebrou a vitória de Rutte na Holanda como "um dia bom para a democracia".

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)